

## SÉRIE TRAJETÓRIAS 2010

Palestrante: David Chew

Local: Rua da Lapa, 120/12º andar

Data: 10 de agosto de 2010

Hora: 17:00

David Chew

É a primeira vez que eu faço uma coisa desse tipo – falar. Eu estou tão nervoso. Eu não nasci com essa língua, então me desculpem os erros de português, mas eu vou ter que falar.

A primeira frase que eu vou falar e que está se falando demais hoje em dia, em concerto, que é do século XXI é: "Por favor, não esqueça de desligar o seu celular", especialmente porque tem televisão e rádio gravando.

Eu não sei se vocês sabiam, mas eu fui condecorado pela Rainha da Inglaterra em dezembro e, por isso, eu coloquei essa medalha, porque é uma medalha que eu uso com muito orgulho porque foi uma honra que a Rainha da Inglaterra me deu. Quando recebi a notícia, eu estava na rua e foi uma coisa muito inesperada. Eu estava andando, indo para a academia fazer ginástica, que eu faço todos os dias para manter a forma, e o cônsul ligou e falou:

- David, eu tenho uma coisa para contar. Espero que você goste. A Rainha quer dar uma honra para você. Eu espero que você aceite.

Eu aceitei porque eu não sou o John Lennon, nem o Paul McCartney. Eles, esses anos todos, por incrível que pareça, estão observando o que está acontecendo do outro lado do mundo. Eu vim para o Brasil em 1981 e, na hora em que ele falou, eu chorei, porque alguma coisa valeu nesses trinta anos aqui. Acho que nas lutas da nossa vida é sempre bom quando alguém bate palma quando você toca bem ou alguém fala parabéns para aquele projeto que você está desenvolvendo.

Eu fui para o Palácio de Buckingham e quando cheguei lá, realmente, era um momento muito, muito emocionante. Eu estava procurando uma palavra em português, porque eu falei em inglês "com muito orgulho", mas não é "orgulho", e eu não achei a palavra. Eu perguntei à minha mulher, mas ela não sabe também. Esse é o problema que eu tenho hoje em dia. Eu falo português como eu penso. Eu penso numa palavra e eu não sei traduzir a palavra na cabeça.

Eu olhei para os olhos da Rainha quando ela estava colocando a medalha aqui e ela falou comigo cinco minutos e sabia tudo da minha vida, quer dizer, tudo o que eu estava fazendo naqueles anos todos fora do país!

Eu quero dizer que essa não é a medalha que eu ganhei, é uma medalha de todo mundo que está tocando comigo, todas as crianças, de um time. Nada aqui no Brasil é feito sem um grupo de pessoas trabalhando junto. Não é só em um time de futebol em que cada um tem uma posição, é o esforço que cada um vai dar. Por exemplo, no "Festival de Chelsea", que tem dezesseis anos sem interrupção, infelizmente não tem patrocinadores. Aqui eu posso chorar mais um pouco, porque eu não preciso pedir patrocínio, porque todo mundo sabe que cultura nesse país é difícil, a luta é difícil. Quando entro num projeto eu falo: vou chorar, vou pedir, vou implorar às pessoas: não. Você tem que colocar as coisas para cima. Você tem que sempre falar: essa é

cidade maravilhosa, como está fantástica! Isso, quando você mesmo está na miséria. O festival está na miséria. A gente tem o Copacabana Palace, tem o SESC que está dando um pouco de dinheiro, mas os músicos estão tocando de graça, tem um ou dois aqui que estão tocando de graça no festival. Há muitos que pagaram a própria passagem. O festival virou uma grande família, felizmente, e um esforço do grupo grande. A gente está fazendo muita coisa e todo mundo junto.

Eu tenho um grande problema com o português. Eu acho que alguns estrangeiros aqui sabem disso. Não é fácil você se comunicar, às vezes. Eu vim para o Brasil porque eu quis conhecer a música brasileira. Eu estava numa aula de geografia, com doze ou treze anos, e eu botei o meu dedo naquele lugar – o Brasil – porque na aula de geografia estava se falando sobre café, Amazonas, natureza, quer dizer, tudo o que eu gosto, o povo e o samba também, mas isso veio depois.

Com quinze anos, eu estava tocando na Orquestra Nacional da Inglaterra e a primeira coisa que o nosso professor fez foi colocar um conjunto de violoncelos, oito violoncelos, um soprano veio e cantou *Bachianas*. Eu me apaixonei por aquela música na hora e eu falei: Villa-Lobos. Não tinham falado em Villa-Lobos antes e só pelas *Bachianas Brasileiras* eu fui pesquisando. Mais tarde, encontrei com a minha primeira mulher, que era uma concertista em Londres, e o pai dela simplesmente jogara bilhar com Villa-Lobos na Associação Brasileira de Imprensa e, então, ele conheceu a Mindinha, que depois eu tive o privilégio de conhecer. A Mindinha conhecia bem as músicas e o Cláudio Barbosa, que era um poeta, arranjou várias partituras para mim: do trem – eu sempre falo do “Trenzinho caipirinha”, eu ainda tenho dificuldade em falar como eu quero falar as palavras, porque eu faço confusão entre “caipirinha”, que é a primeira palavra que um gringo aprende nesse país, (eu tomei três no primeiro dia e não consegui nem levantar, depois) e *O Trenzinho do Caipira* que, realmente, foi aquela melodia fantástica para piano e violoncelo que ele escreveu em 1931. Essa música toca muito no meu coração até hoje. Acho que eu tenho que tocar sempre Villa-Lobos. Eu vim para o Brasil por causa de Villa-Lobos, por causa da música de Villa-Lobos.

Eu tenho duas filhas. A minha primeira filha é a Mariana, que hoje em dia está no Festival de Chelsea e esse festival não aconteceria se não fosse ela. Ela é que lutou por esse festival, quase ficou doente por causa da luta porque, como não temos apoio, ela sustentou tudo. Ela é produtora profissional. Ela aprendeu lá na Universidade Federal Fluminense.

Quando eu cheguei no Brasil, quis formar uma orquestra, fazer um concerto e tive que ir atrás, tive que bater nas portas para buscar patrocínio para fazer um evento. Hoje em dia a gente tem, talvez, alguns produtores que podem fazer esse trabalho, profissionalmente. Então, problemas, eu tenho, mas preciso é confiar nos profissionais e eu acho que a gente tem que confiar mesmo, porque o músico não pode fazer isso. Eu aprendi a fazer porque eu tinha que fazer os projetos e tudo.

Foi difícil a mudança porque a minha família e tudo o mais ficou na Inglaterra até hoje, meus irmãos, meu pai. Às vezes, eu volto para a minha terra para recarregar as baterias porque, realmente, as baterias ficam fracas. Eu trabalhei com dois mil e quinhentos a três mil por ano. Isso contando com shows. Em Londres, eu saía de casa às oito horas da manhã e chegava às quatro da madrugada. Era uma vida muito intensa, inclusive eu fiquei doente, muito doente,

depois eu fui internado no hospital e quase morri por causa disso. Eu sou um trabalhador, inclusive aos sábados.

Quando eu fiquei muito doente no hospital, fiquei pensando no que fazer na vida e eu tive a oportunidade de gravar uma fita para o Isaac Karabtchevsky e gravei o Brahms, *Concerto para piano solo*, que é lindo – um dos melhores solos – e essa foi a minha entrada no Brasil, pela Orquestra Sinfônica Brasileira, em 1981.

Quando eu era criança, isso foi um incentivo: os meus pais eram médicos - meu pai era um cientista e a minha mãe era médica - e os dois falavam para mim quando eu tinha o prato de comida na frente:

- Nunca deixe nada. Você não pode deixar nada. Botou no prato, você não pode deixar nada, porque tem milhões de pessoas morrendo do outro lado do mundo de fome.

Todos os dias ela falava isso para gente – para o meu irmão, também. Isso ficou na minha cabeça como um problema. Eu nunca imaginei que tinha outras pessoas do outro lado do mundo que não tinham comida, isso sem falar em educação, sem falar em cultura. Eu sei o que está acontecendo hoje em dia no mundo, mas quando criança a gente não imagina essas coisas. Então, os meus pais foram muito realistas e hoje em dia, talvez, por causa deles, eu estou aqui no Brasil. Eles falavam essas coisas muito fortes para mim. Ela trabalhava muito nas ruas e trabalhava para todas as caridades que existem na Inglaterra. Ela trabalhava muito para essas instituições. Minha mãe foi o maior incentivo para que eu abrisse os olhos para o resto do mundo e acho que é por isso que estou no Brasil hoje, para ver a verdade da pobreza e tudo o que ela falou para mim. Meu pai era muito mais rígido. Ele era um médico-cientista, também, mas ele foi treinado no exército. Ele treinava com bala ao vivo, na época. Eles treinavam no exército com balas de verdade. Eu tinha que acordar às sete horas da manhã para colocar graxa nos seus sapatos antes de ir para a escola, todos os dias. A disciplina inglesa, naquela época, logo no pós-guerra, era muito grande. Essa disciplina passou para mim. Eu me revoltei, meu cabelo começou a crescer, eu passei a ser hippie mesmo, eu viajei pela Europa sem sapato, eu, realmente, fui uma pessoa muito revoltada contra a disciplina do pós-guerra.

Eu conheci muitos músicos que também, nessa época, viajavam para a Turquia, viajavam para o Chipre, inclusive, esses amigos hoje estão no festival dessa semana, são amigos de trinta, quarenta anos, que viajaram comigo. Todo mundo achava, por causa do cabelo longo, que estávamos drogados, mas não era nada disso, a droga era a minha música, eu nunca tomei droga naquela época. Essa é uma coisa que confunde as pessoas. Hippie é um espírito livre e eu não tenho medo de falar isso porque eu tinha a minha droga que era a música. Quando eu era jovem, o meu pai e a minha mãe contavam muitas histórias da guerra. Eu só escutava da guerra e também dos pais deles. O meu avô era violoncelista, também, e o pai dele era maestro. Naquela época havia dezenove cinemas e ele regeu as orquestras do cinema mudo e minha avó também tocava piano nesses cinemas. Meu avô tocava violoncelo nos cinemas, então, eles eram improvisadores, eram criadores. Eu nunca vi meu avô tocando violoncelo. Eu tenho o violoncelo do meu avô lá em casa e eu comecei a tocar nesse instrumento.

As histórias do meu avô são muito interessantes porque o pai dele, que era maestro, o deixou na rua com quinze anos de idade junto com o irmão, no verão, numa barraca, e disse:

- Agora vocês se virem. Eu já dei aulas para vocês. Vocês sabem tudo. Eu não posso mais ensinar a vocês. Vocês se virem.

Eles foram andando com o violoncelo até Liverpool, onde eles entraram num barco e nesse barco e um deles veio conhecer o Brasil, com quinze anos de idade. Foi conhecer a Austrália, os Estados Unidos, a África, o mundo todo tocando violoncelo. O outro foi para a Escócia e lá ficou. Quando ele tinha uns cinquenta e poucos anos e eu comecei a tocar violoncelo, ele teve quinze derrames, o meu avô, e eu não o conheci tocando violoncelo, mas quando eu estudava as primeiras aulas, eu ficava na sala e o meu irmão que é violonista, o Robert, ficava na outra sala e meu avô uma hora dava aula para ele e depois a gente trocava. Quando ele estava estudando na sala com o meu avô, eu não podia falar, nem podia me mexer. Ele ficava doido para falar comigo como se tocava o violoncelo, como fazia, mas ele não conseguia se expressar, até o dia em que eu toquei *O Cisne* afinado e ele chorou mais ainda, porque eu consegui tocar afinado um dia. Eu olhava para ele e ele estava querendo falar para mim, ele transmitia os recados, a música sem voz, sem falar nada. Hoje em dia isso é muito importante.

Com quinze anos eu fui escolhido como violoncelista para tocar e eu tive muita sorte porque com quinze anos a pessoa que me regeu foi o Pierre Boulez isso foi outra disciplina musical. É fantástico você estar com uma pessoa que rege com os dez dedos e ele não mexe nem os braços. É uma disciplina fantástica. Eu fiquei com ele dois anos ou três; depois, vieram outros maestros interessantes.

Acho que fui um privilegiado não só porque eu tinha comido do meu prato (a minha mãe falava: - você come tudo que estiver no seu prato), mas porque nas escolas tinha música. Eu fui indicado para o sistema público. O público lá não é particular. Lá tem o público e o Estado, então, cada escola, naquela época, tinha aula de violino, de violoncelo, de todos os instrumentos. Isso é um privilégio quando você é jovem porque você pode optar e estudar se você tem esse desejo, quando você tem interesse em música.

Eu comecei aos dez anos de idade, no violino, junto com o meu irmão. Eu estudei violino por um ano com ele até que um dia descobri um jeito de sentar com o violino porque, eu e meu irmão – eu acho que foi minha a culpa, eu criei muito ciúme nele, porque ele é dois anos mais jovem. Um dia ele deixou o violino na mesa e eu tinha começado a fazer vibrato. Eu sentei no meio da mesa e peguei o violino dele - quando ele foi ao banheiro - como se fosse um violoncelo e eu nem sabia o que era um violoncelo de verdade. Eu fiz um vibrato maravilhoso, bem largo, um som duas ou três vezes mais o som que ele conseguiu tocar, mas ele era iniciante. Quando ele voltou, eu coloquei o violino no chão e botei aqui embaixo do queixo para fingir que estava tocando normal, ele não acreditou e ficou com muito ciúme.

Eu tive muita sorte porque as escolas me deram aulas de música de graça. Eu tive orquestra e tive banda na escola e, obviamente, a gente tem que incentivar tudo isso aqui também. Eu acho que uma das grandes lutas é o meu exemplo daquela época.

Ontem eu regê *O Mourão*, de Guerra-Peixe, com as três orquestras de que eu participei. Essas orquestras têm muito ciúmes uma da outra, uma nunca vai tocar com a outra porque sempre falam mal e tal. As três, ontem, tocaram juntas e foi maravilhoso. Eu nunca tinha regido na minha vida, eu regê e senti confiança, foi gratificante. Isso é o que acho que quero fazer para o resto da minha vida: trabalhar com essas crianças, realmente, porque é uma coisa muito importante. Muitos projetos sociais hoje em dia não têm esse complemento, em vez de serem professores, viram sociólogos de crianças, viram psicólogos de crianças, viram médicos de crianças, levam os problemas para casa. Eu fiquei revoltado com chacina da Candelária, aquele

acontecimento onde morreram muitas crianças em frente à Candelária, e tomei uma decisão: eu tenho que ir e fazer um trabalho social, tenho que fazer alguma coisa. Eu sou músico e o que eu posso fazer? Então, não aguentei uma semana, porque um menino de cinco anos veio falar comigo e me disse que estava com dor de cabeça por muitos problemas. Eu estava tentando dar aula de música, simplesmente, para ele e ele só chorava. Então, pedi que ele me explicasse o por que ele chorava. Com cinco aninhos, me disse que sua família tinha morrido toda na Candelária, naquele pouco tempo. Eu não sou treinado para isso. Acho que antigamente os nossos professores viravam nossos pais, mais isso com um aluno ou outro. Acho que é difícil você entrar em um projeto social e fazer esse complemento todo dessas crianças. Então, essa é uma coisa que tem que ser revista, mas eu não estou aqui para falar sobre isso.

Depois de criança, fui para Londres, com dezessete anos, carregando uma caixa de violoncelo que era de madeira, muito pesada, na neve, para fazer uma audição e eu fui aceito no King's College e em várias universidades de Londres. Foi ótimo porque naquela época eles queriam que eu tocasse na orquestra deles, da universidade. Em vez de dar dois "A" como se faz para ciências, me deram "C" e "E" em história e matemática e eu pensei: estou dentro. No dia do exame, segundo o papel do vestibular, eu estava com um amigo vendendo sorvete na praia e eu me esqueci do exame totalmente e eu nem tinha telefone, meus pais não colocaram telefone em casa. O meu diretor pegou um ônibus e após quatorze milhas chegou lá e perguntou:

- Onde está o David? Porque ele tem o exame de música e precisa da música para entrar na universidade.

Eles foram me buscar na praia – imaginem: a praia da Inglaterra não é tão quente assim não, não é Copacabana nem nada disso. Eu cheguei e só fiz um papel de História, o primeiro papel de História e o segundo era o que eu perdi e era o mais prático ou vice-versa, não lembro. Os resultados vieram e eu só consegui, eu acho que, quarenta e oito por cento porque noventa e pouco eu consegui passar num exame só que o outro papel não contou, então, cortou no meio, então foi quarenta e oito e eu precisava de cinquenta para passar e eu não passei. Eu não entrei na universidade, mas esse foi meu segredo, eu não queria entrar na universidade. A minha mãe tinha tanto medo de falar com o meu pai que ficou seis meses escondendo esse segredo até um dia em que meu pai foi ao médico e falou:

- O David não vai para a universidade não? Por que ele não vai comigo para a universidade?

Imagine a situação, meu pai tinha quase dois metros de altura, era um cara bem forte e eu não queria enfrentá-lo, então, fui para Londres e não falei dois anos com ele. Fiquei dois anos sem falar com meu pai, praticamente. Agora eu sou o melhor amigo dele. Eu vou todo ano para ficar com ele, visitar o resto da minha família e carregar as baterias, é lógico.

Essa coisa de ganhar prêmio, também, eu estava pensando, isso me dá orgulho, mas eu devo sempre pensar que não sou eu, Quando ganhei as chaves da cidade de Tiradentes, foi muita emoção, é um prêmio muito importante na vida do músico mesmo. Mas, eu sempre lembro que não sou eu, é a minha família, são aqueles músicos com quem a gente toca a vida toda, são as orquestras que a gente forma. Eu me lembro que quando eu cheguei ao Brasil, a Claudia, minha primeira esposa, falou:

- David, você está triste?

Eu disse;

- Estou.

Eu trabalhei com dois mil e quinhentos concertos em Londres, shows, muitas gravações, cabarés e eu chegava em casa às quatro horas da manhã, eu tocava nos cabarés para ganhar dinheiro para pagar a casa.

Claudia falou:

- Você vem para o Brasil para tocar de nove ao meio-dia, para tocar na Orquestra Sinfônica, o resto do tempo você está livre, o que aconteceu? Você pulou de um trem expresso e chegou no Brasil e não está acontecendo nada!

Isso, talvez, me motivou muito para fazer outras atividades, para inventar coisas, para trabalhar. Eu tenho muita sorte porque Claudia e eu estávamos num restaurante um dia, lá em São Conrado, fomos jantar e Claudia se encontrou com o maior violinista do Brasil, nada menos do que o Paulo Bosísio, uma grande pessoa e que a Claudia conhecia há muitos anos. O Paulo, Deus estava mostrando para mim, porque a gente formou um quarteto. O que é a minha vida hoje em dia? É música de câmara. O que eu gosto de fazer mais do que qualquer coisa é música de câmara. Isso para mim foi o que salvou, foi o que mais me inspirou a ficar no Brasil, foi fazer música de novo com um grande músico e fazer música de câmara, que eu estava acostumado a fazer em Londres com pessoas que estão aqui hoje, tocando em Niterói.

As amizades que a gente faz em música são um laço muito forte. Você tem um grupo, você tem um quarteto, você tem uma orquestra de cordas, você tem um duo, você tem música de câmara e eu acho que é a coisa mais importante da minha vida. Eu achei o caminho para muitos anos e até hoje a gente toca junto e, também, eu quero muito tocar de novo junto. Acho que a gente, em música, discute muito a vida. Se você colocar dez músicos numa mesa aqui, você vai ver que conhece, praticamente, o mundo todo de música, você vai falar de um, o outro conhece o outro e é muito pequeno o nosso mundo. Acho que o grande incentivo, realmente, foi a Claudia que me trouxe para cá e o encontro com grandes músicos, como o Paulo Bosísio.

Na Sinfônica Brasileira eu conheci, também, grandes músicos, como eu reencontrei, ontem à noite, no Copacabana Palace, como Wagner Tiso e Márcio Malard. Eles tinham parado de tocar e ontem tocaram pela primeira vez, depois de cinco anos. Eu e Márcio nos olhamos, nos abraçamos e choramos; o Fernando, também. Chorou todo mundo junto porque tinha acabado de tocar Wagner Tiso e o concerto foi maravilhoso. Fizemos um ensaio e voltou tudo o que a gente tinha vivido antes. Fica na cabeça, música fica na cabeça. Foi um grande reencontro. Sempre a gente vai se encontrar com alguém, seja um aluno ou outro professor. Toda vez vem grandes artistas. Uma alemã tocou ontem, uma violoncelista Tatiana, que o Antônio Menezes me recomendou. Eles vão voltar para o Brasil sempre porque eu não posso reclamar, a verdade é que todos voltam para o Brasil, o Rio, particularmente, porque é a cidade maravilhosa, realmente, é uma cidade fantástica, eles voltam porque tem uma energia muito positiva, tem a natureza e eles voltam de graça. Eu não posso falar isso para os patrocinadores senão eles vão falar para eu tocar de graça, mas eu estou fazendo.

É uma triste realidade que a gente tem uma cidade que apoia o futebol, o samba, que eu adoro também. Eu tenho jogado muito futebol com criança, eu já participei do Carnaval, inclusive o diretor do Museu Villa-Lobos, o Turibio Santos, ele me convidou para organizar um carro da Mocidade Independente em 1999 quando celebrou o Villa-Lobos. Eu organizei o segundo carro que era o das *Bachianas Brasileiras*. Eu tive que aprender samba e cantar samba, fazer os arranjos para sair e botei todo mundo tocando. Tinha ali meus alunos, minha filha que tocava

violoncelo, minha segunda esposa, Ester Paes Leme, que era minha aluna e a gente tocava junto no carro. Foi o momento mais bonito, mais lindo da minha vida, a emoção daqueles fogos, aquela bateria de quatrocentos músicos. Eu acho que sim, óbvio, que o Rio é a cidade do samba, do futebol, mas cabe apoio para a cultura, cabe apoio para a nossa música também que é tão importante. Eu sempre falo que esse é um país sem cultura, sem educação. A gente não tem música nas escolas ainda e eu tive esse privilégio.

Eu adoro o Brasil. Acho que um dos motivos porque eu vim para o Brasil é justamente a variedade, é essa cidade diferente, são as viagens que você faz aqui no Brasil. Você pode num momento estar no Amazonas, no outro estar no Sul, a comida é a coisa mais variada do mundo e acho que isso é uma das grandes coisas que me fez ficar aqui porque eu adoro comida. Eu gosto de cozinhar. Eu gosto das bebidas brasileiras, das cachaças, eu não posso mais beber, mas eu gosto do cheiro da cachaça. Eu gosto de histórias de bebidas brasileiras, gosto de ler sobre o povo brasileiro.

Quando eu fui para Belém, peguei um barco na floresta e quando saí do barco tinha um homem de oitenta e seis ou noventa anos e ele tinha um filho de onze meses de idade carregando um marchete. Eu falei assim:

- Você não tem medo dele cair?

Ele respondeu que não, que ele estava ótimo. Depois, ele foi brincar na árvore e tinha uns macacos e ele também, junto com os macacos, brincando naturalmente, uma coisa fantástica a natureza. De repente, ele com noventa anos viu uma árvore e subiu na árvore e foi lá em cima da árvore, um homem de noventa anos e ficou lá em cima. Eu fiquei pensando: como podia? Porque na Inglaterra todos estariam dentro de casa morrendo de frio, tomando um chazinho, mas você nunca vai ver um homem de noventa anos em cima de uma árvore. Essas são coisas simbólicas que eu estou falando, é lógico. É uma coisa de comparação dos países. Por que eu estou aqui no Brasil? Porque tem tanta variedade, tem tanto lugar bonito no Brasil. Fui convidado pelo professor Paulo Bosísio há muitos anos para ir a Curitiba. Eu fiquei vinte anos dando aula em Curitiba. Eu nunca imaginei que poderia ser um lugar tão civilizado, com clima frio também e com tanta cultura, tantos músicos fantásticos. Essa foi uma época maravilhosa da minha vida aqui no Brasil, também.

Eu senti muita falta desses travessões e por isso eu quase desisti do festival. A minha filha Mariana foi quem salvou o festival. Eu estou pagando com os meus cartões, a minha família está sofrendo porque eu estou pagando a bolsa dos alunos que não eram para ter bolsas, mas eu insisti. A produção disse que não ia ter bolsa esse ano porque não tinha dinheiro. Antes de começar, tinha R\$ 35.000,00 no déficit e eu paguei. Fomos para Tatuí, depois para mais oito, então, já tem dezesseis bolsistas esse ano e a minha família sofre. Eu sempre falo que sem patrocínio a gente não pode continuar, não pode. Além daqueles que devem desde o ano passado, e que eu não vou falar porque não podemos falar mal dos outros, mas eu tenho histórias para contar. Se alguém me perguntar, depois eu falo. Eu prefiro não falar, mas o sofrimento é muito. A minha família está sofrendo com isso. A Mariana também está sofrendo, mas o festival está maravilhoso, nunca foi tão bonito. As pessoas vêm sem ganhar cachê, vêm pagando a própria passagem e estão fazendo música, o que todos querem fazer. Todos estão fazendo quartetos, quintetos, orquestras, regendo, ajudando. Ele vai e sai do Brasil satisfeito, feliz. Para sustentar esse festival eu sempre penso: sabe de uma coisa? Eu não vou deixar morrer o festival, vou tentar chegar aos vinte anos e quando chegar aos vinte anos, vou chegar

aos vinte e cinco anos e depois eu vou, eu vou. Eu vou tentar fazer isso porque é o único jeito da gente manter a coisa.

Eu falei sobre a Claudia, eu casei com a Ester Paes Leme, que é a minha segunda esposa com quem estou hoje em dia, feliz, para sempre. Ela foi minha aluna e foi uma aluna muito talentosa e eu me apaixonei na hora mesmo – ela tinha trinta anos, mas eu me apaixonei na hora. Uma aula que durou três horas ou mais e a gente abriu um vinho depois, porque ela estava muito nervosa. Ela ligava para mim e falava:

- Professor, eu quero fazer aula de violoncelo de novo. Eu estudei com o Antônio Menezes, com a dona Nídia.

A Ester tinha muito talento. Ela trabalhava no aeroporto, no *check-in* e várias vezes me via passar e ela estava interessada, mas não sabia como se encontrar comigo. Eu estava casado, só que na época o meu casamento estava terminando e, como nada é perfeito na vida, então, depois de sete anos eu acabei me apaixonando pela Ester e agora eu já estou há dezessete anos com ela. Eu vou, graças a Deus, ficar mais dezessete anos com ela. Eu não quero nunca que termine esse casamento, porque é uma coisa tão bonita, é uma paz que eu tenho. Ela estava tão nervosa, ela ligava para mim:

- Professor, eu posso marcar uma aula, mas eu não sei se eu vou poder tocar para você, porque eu estou muito nervosa.

Eu contei pra ela uma história de ter ficado duas horas conversando e tomando vinho com um professor e fiz a mesma coisa quando a Ester chegou em minha casa. Eu abri o vinho, mas ela não bebeu o vinho não... essa é uma outra história. Eu tive quatro filhos, não com Ester, com ela eu tenho um filho, o Daniel, que agora tem dezesseis anos, ele toca piano, ou melhor, tocava, porque hoje em dia é mais o computador, ele não sai do computador e esse é um problema sério com a juventude hoje, porque a gente tem que ter uma maneira de ligar o computador com a realidade também. Meu filho e os amigos dele são vizinhos e estão no prédio ao lado e em vez dele ir lá brincar ou falar com eles, fica no Messenger. Será que é porque ele está conversando com cinquenta pessoas ao mesmo tempo? Eu não sei. Essa coisa de amizade mudou muito. O Daniel agora tem dezesseis anos, indo para dezessete. Ele tocava flauta também e realmente adora música, é esportista, judoca, está indo para a faixa preta, eu tenho momentos ótimos com ele de luta. Eu gosto muito de atividade física e eu sempre lutava com ele. No início foi ótimo, ele era pequenininho e eu pisava em cima dele e ele não podia mexer, foi ótimo. Agora, ele é mais ou menos do meu tamanho e ele me pega que eu não consigo me mexer, tento sair, mas não consigo me mexer. Ele é muito forte, mas a gente brinca muito, ainda, graças a Deus.

Eu tenho a Mariana, de quem já falei: produtora, bailarina, inclusive, amanhã ela tem um grande evento. Eu acho que isso é que é importante, porque ela como artista, eu como artista, ela produtora profissional e é muito bom trabalhar junto porque você está sempre inventando, não importa se alguém rouba a sua ideia, porque você sempre tem outra. Eu acho que quem inventa, quem sempre tem ideias, quem compõe, sempre vai inventar, sempre vai ter uma nova ideia, é impossível que as ideias morram, impossível morrer a expressão. A Mariana está tendo novas ideias, ela está fazendo o “Cello Dance”, que é um espetáculo, porque ela é bailarina. Vários bailarinos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro vão dançar, amanhã, de graça também, todo mundo está querendo participar desse festival.

Minha outra filha é a Carolina, que está em Londres. A Carolina me assustou muito porque ela é uma artista também. Eu falei:

- Você não dá para ser artista. Eu vou morrer pobre mesmo. Eu não vou ter ninguém que vai ganhar dinheiro nessa família, mas tudo bem.

O Daniel até jogava futebol, mas agora ele não faz mais isso, ele quer ser biólogo oceânico e quer fazer pesquisas.

A Carolina casou com o primeiro namorado dela e um dia ela voltou com o corpo cheio de tatuagens e eu falei:

- Carolina, o que é isso?

Eu sou totalmente contra tatuagem. O marido dela é o maior tatuador brasileiro, Kiko é o nome dele. Se alguém quiser tatuagem um dia procure o Kiko. Ele é um artista fantástico, faz arte em japonês. Eu realmente me assustei com ele a primeira vez que o encontrei. Ele é uma pessoa muito, muito inteligente, muito zen, muito culto, um grande artista. Falei com a Carolina para não fazer outra tatuagem porque se ela fizesse outra eu também iria fazer, iria pintar meu cabelo de verde daquela revolta que eu tenho dentro de mim, ia fazer uma tatuagem de dragão. Ela fez outra mas eu nunca fiz uma tatuagem, não tenho coragem. Um dia eu vou, mas isso é outra história.

Meu outro filho com outra mulher, eu tive muita sorte, é um pianista maravilhoso. Isso foi na época da minha confusão, quando eu estava me separando do casamento com a Claudia. Na verdade, eu não quis me separar, eu rezava, eu morava no Humaitá, debaixo do Cristo, e eu rezava todas as noites para não me separar por causa das crianças. Meus pais eram muito moralistas, ficaram juntos a vida toda. Sabe quando você nasce com esse tipo de pessoa na sua frente? Então, para mim foi muito difícil me separar da Claudia. Essa foi a coisa mais difícil que eu já passei na minha vida. Saí de casa, eu estava com o meu cello, e só. Saí, olhei para cima e tinha minhas duas filhas e minha esposa lá me dando tchau, quer dizer, acabou. Foi uma imagem que nunca vai sair da minha cabeça. Fui embora e elas lá em cima e eu sem saber o que fazer da minha vida. Eu sofri muito com isso. Houve várias outras pessoas na minha vida e, nasceram, realmente, dois filhos com nove meses de separados. O Davidzinho, que agora tem 2 metros e três, com quarenta e nove de pé, com dezessete anos, e o Daniel, que nasceu nove meses depois, e tem hoje dezesseis anos e que eu já falei sobre ele. Por incrível que pareça, todo mundo está feliz. As meninas gostam da Ester, ficam lá em casa. O David está sempre em casa, o Daniel está sempre em casa com o David, lá em Tatuí. Eu acho que isso tem alguma coisa a ver com a música de câmara e fazer música, porque eu acho que quando a gente fala em amor e faz música é com amor e eu acho que tem que dar certo. Essas famílias são juntas hoje, estamos todos juntos.

O David estava me ajudando em Tatuí a realizar um festival lá. Eu fiquei uma semana em Tatuí e que maravilha aquele concerto com tantos alunos. Por que o Rio não tem isso, gente? Porque no Rio a gente tem um grande conservatório, mas tem que ter investimento nesse conservatório. Que luta a gente tem para ter um conservatório em Tatuí! Eu sei que tem mais dinheiro em São Paulo, tudo bem, mas o Rio não tem um conservatório com quatro mil e quinhentos alunos. Eu acho que essa tem que ser nossa luta mesmo, tem que expandir, tem lugar. Tem um lugar fantástico na Barra que está lá, parado. Por que está parado, gente? Por que tanto dinheiro investido e não tem um conservatório de música? Essas coisas, realmente, me deixam triste, que

você vê gastando dinheiro, dinheiro, dinheiro e a gente não tem o que uma pequena cidade, lá no interior de São Paulo tem. Isso é para os políticos resolverem, mas a gente pode ajudar os políticos. Temos agora o cais e quem sabe a gente não consegue converter isso em um centro cultural também, eu acho que tem tudo isso para acontecer no Rio de Janeiro, ainda.

Quando eu cheguei ao Brasil comecei, imediatamente, nas primeiras semanas, a trabalhar. Radamés Gnattali chamou o grupo de cellos para gravar uma obra para oito violoncelos e piano. Ele chegou de pijama e foi jantar com a gente de pijama, depois. Isso para mim era tudo novo. O Márcio Malard, por exemplo, levou a gente e contava as histórias dos grandes compositores. Eu não acreditava que era possível uma boemia desse tipo, uma vivência assim com a rua, sair para tomar um chopp e depois ir tocar! Eu nunca imaginei que seria possível. Isso era muito difícil para eu aceitar, essa nova vida.

Encontrei com Tom Jobim no mesmo ano, um ídolo. Fui convidado para tocar lá na Sala Cecília Meireles com ele e eu nem olhei a partitura porque eu só olhava para ele o tempo todo, imaginando essa grande figura e eu estava lá, junto com ele. Ele gostou, porque eu fui falar com ele, que estava com uma garrafa de uísque no piano, naquela época, e isso foi uma coisa que também me tocou. Como era possível? O cara estava tocando e eu fui falar em inglês com ele, e ele adorava falar inglês, então, a gente conversou muito.

O primeiro ano no Brasil foi mágico para mim, muito mágico. Eu me encontrei com tantas pessoas e acho que isso é que fez a minha vida aqui no Brasil. Eu não sei se vocês também sentem essas coisas. Quando você chega primeiro num lugar, você procura os momentos mágicos, você procura as pessoas, não que eu tenha procurado as pessoas importantes, porque eu não sabia quem eram as pessoas importantes, mas, de repente aquela pessoa que você leu sobre ela, está lá, na sua frente e você pode falar com ela. Depois, eu encontrei com vários compositores, grandes compositores brasileiros, Edino Krieger, Ernani Aguiar, Guerra-Peixe. O primeiro deles que eu encontrei foi Guerra-Peixe. Encontrei com ele num concerto no centro da cidade. Nós tocamos e depois fui saber que quem estava no público era Guerra-Peixe. Ele estava lá, sentado, depois as pessoas chegaram e encheu. Eu acho fantástico, porque depois eu comecei a ler a história de Guerra-Peixe, que ele gostava de dançar. Esses momentos são mágicos e ficam na memória e acho que é por isso que não vou sair e voltar para a Inglaterra. Eu não posso fazer isso porque são momentos tão mágicos. Frustração, sim, muita frustração, além da gente ficar mais velho, da gente sentir dores, não é isso não, é a coisa mental que é difícil, são tantas lutas e tantas coisas que você quer fazer e não consegue porque todo mundo fala que sim e nunca falam não imediatamente. Isso é que é diferente no Brasil. Se a pessoa pergunta se é possível fazer e a outra diz: não, tudo bem, ele não vai tentar mais. Na Inglaterra você está acostumado com o não. Eu descobri que é aqui que a palavra “jeitinho” nasceu, porque se falar “não” sempre tem um “jeitinho” de mudar a coisa depois. Sempre se fala “sim” e eu não consigo entender o porquê. Eu acho que é a boa vontade da pessoa, ela quer saber, ela acha que a ideia é ótima e quer ajudar, mas, na prática, não dá para ajudar, porque não tem apoio para a cultura, então, como a gente fica? É difícil quando a gente está na luta para fazer uma orquestra de câmara, por exemplo. Eu consegui conhecer a mulher do diretor financeiro de uma companhia que imprime o dinheiro no Brasil, na época. Ótimo, a gente conseguiu uns seis anos viajando pelo Brasil fazendo concertos maravilhosos, tudo de graça, sempre de graça, ninguém pagava nada, mas tinha um apoio particular. Depois, eu tive a sorte de entrar na Orquestra da Universidade Federal Fluminense, com o quarteto, e essa também me sustentou uns anos e à minha família.

Eu dei muita sorte porque o meu sonho, desde os quinze anos de idade, era tocar num quarteto apoiado por uma universidade. Isso eu acho que sempre foi o meu sonho. Falamos até hoje que tivemos uma sorte de ter um quarteto que apoia a gente, vamos tocar, vamos tocar muito, mas ninguém pode tocar ou ensaiar porque tem que ganhar dinheiro. Tem que ter cinco trabalhos para sustentar a casa. É muito complicado, você não pode culpar ninguém, você não pode dizer para uma pessoa que ela tem que se dedicar só àquele trabalho, porque você sabe que o dinheiro não é suficiente para sustentar a família, então, a gente tem que trabalhar em seis lugares. Eu fiz a mesma coisa em Londres, porque eu realmente nasci para isso. Eu nasci para trabalhar em muitos lugares e fui muito sacrificado por isso.

Uma vez alguém falou para mim que eu estava em três lugares ao mesmo tempo. Eu ia tocar em três lugares, no mesmo horário. É verdade, você fica tão confuso que você vai aceitando, aceitando, aceitando, porque você precisa disso para viver e pagar as contas. Minha conta de eletricidade é setecentos reais por mês. Como eu vou viver com o salário que tenho? Viver no Brasil não é barato, é muito caro viver no Brasil. As contas são caras, tudo é caro. Vocês imaginam os jovens que hoje em dia têm que trabalhar mais. Não tem mais o pai trabalhando e a mãe ficando em casa cuidando da criança, isso é impossível.

Acho que o nosso mundo virou um mundo muito mais rápido, mais eletrônico, por isso eu falei para desligar o celular no início, porque isso é o mais comum antes de começar um concerto, porque todo mundo está no Messenger. Os acidentes de carro acontecem muitas vezes porque todo mundo está lá, dirigindo com uma mão e tocando no celular. Eu não sei se a nossa mente está mais rápida. Isso é enlouquecedor. Eu quero voltar para a minha sala, onde eu posso estudar o violoncelo e o telefone não tocar nenhuma vez. Eu quero tranquilidade, quero paz.

Começou o Festival de Cellos há dezesseis anos e eu fui convidado para o “Eco 92”, quando teve essa chacina da Candelária, que eu falei que me inspirou para fazer coisas para o Brasil. No Copacabana Palace teve uma reunião de todos os primeiros ministros. Eu tive muita sorte porque fui convidado. Toquei para o primeiro ministro inglês lá no San Martin, onde eu estava dando aula, e eu não aguentei por causa da emoção. Depois, à noite, o cabelo estava crescendo e também eu não tinha cortado a barba - há momentos em que eu realmente não tenho tempo - e, de repente vem um convite em casa para aparecer no Copacabana Palace que o primeiro ministro da Inglaterra quer conhecer você. Eu fui lá para falar com o primeiro ministro e a gente falou mais ou menos quinze minutos, falando, falando, falando e ele quis saber tudo do Brasil.

Assim que a inspiração vem, você tem os momentos em que você quer trabalhar, você quer enfrentar, quer fazer coisa e é isso que acontece, todo minuto vem uma ideia, vem um projeto. Comecei a fazer o festival depois que eu tive o encontro com o primeiro-ministro, porque ele organizou e eu simplesmente falei para ele que eu tinha um sonho que era viajar para a Inglaterra e não tinha dinheiro para viajar. Eu só falei para ele e em um mês as dezesseis passagens estavam na minha mão para viajar. A gente teve muita sorte com aquele quarteto, a gente viajou também juntos. Foram momentos maravilhosos viajando juntos na Inglaterra. Eu acho que tem que tentar sempre e não se pode desistir. Sempre que se tem uma ideia, acredita que vai acontecer.

A coisa que me toca mais, nesse momento, é trabalhar com as comunidades. Eu não sei se estou fazendo a coisa certa, mas eu quero fazer mais e cada vez mais. Eu quero trazer profissionais internacionais, músicos, para trabalharem com essas crianças, porque essas crianças são o nosso

futuro e essas crianças são o que a gente tem de melhor no país, porque elas são pessoas com fome de aprender, com fome de tocar e eu vejo muito na classe média, no próprio meu filho – eu não estou falando mal do meu filho, eu nunca vou falar mal do meu filho -, mas eu vejo uma fome dessas crianças de pegar a música, porque eles têm um talento natural, é nato neles, tanto dança, tanto música, as atitudes. Eu sou muito amigo do Flávio, o judoca, e eu quero combinar com ele de fazer alguma coisa com o esporte também, porque eu só vejo uma coisa: se eu não entrar com um projeto com esporte agora, eu não vou conseguir nada, porque só pela música ninguém está apoiando. Eu, luto, luto, luto e não estou vendo nada. Se vocês conhecem alguém que pode me ajudar, por favor, indiquem, porque eu vou lá, eu vou pedir. Para essas comunidades eu consegui oitenta violinos para eles, lá em Cambridge. Já está tudo lá, mas não tem ninguém para liberar os meninos. Eu não sou uma pessoa que vai bater na porta de políticos, eu tenho que ter alguém que conheça alguém para fazer isso. Eu acho que cada um de nós tem que pedir a cada um. Eu acho que se você tem um contato e se conhece alguém, então, vamos. É uma família, não tem lugar para brigar, não tem lugar para ter ciúme, não tem lugar, e um ou outro vai cair, tudo bem, mas na verdade a gente é uma família grande e tem que ajudar um ao outro. Acho que o mais importante é isso: a gente tem que ajudar um ao outro.